

SAÚDE, MEIO AMBIENTE E SOCIEDADE: A PERCEPÇÃO DA DENGUE ENTRE JOVENS DE UMA ESCOLA DA REDE ESTADUAL NO MUNICÍPIO DE ITUIUTABA-MG

HEALTH, ENVIRONMENT AND SOCIETY: THE DENGUE PERCEPTION AMONG YOUNG PEOPLE AT A STATE SCHOOL IN THE MUNICIPALITY OF ITUIUTABA-MG

Lorraine Caroline Silva Costa, Eleusa Maria Ferreira Rocha,

Rosa Betânia Rodrigues de Castro

RESUMO

Essa investigação avaliou o conhecimento e a percepção sobre a dengue entre jovens na faixa etária 15-16 anos em uma Escola da Rede Estadual no Município de Ituiutaba-MG no mês de outubro de 2020. Foram aplicados 30 questionários semiestruturados entre os mesmos, em que foi demonstrado um relativo conhecimento sobre os modos de transmissão, severidade da doença e possível controle da mesma, envolvendo saúde, meio ambiente e sociedade. Porém, ainda há jovens com pouco conhecimento acerca do assunto em questão. Essas informações são úteis para subsidiar intervenções educacionais e mobilização social.

Palavras chave: Saúde pública; Cidadania; *Aedes aegypti*.

ABSTRACT

This investigation evaluated the knowledge and perception about dengue among young people aged 15-16 years at a State School in the Municipality of Ituiutaba-MG in October 2020. 30 semi-structured questionnaires were applied between them, in which a relative knowledge about the modes of transmission, severity of the disease and possible control of it was demonstrated, involving health, environment and society. However, there are still young people with little knowledge about the subject in question. This information is useful to support educational interventions and social mobilization.

Keywords: Public health; Citizenship; *Aedes aegypti*.

INTRODUÇÃO

A dengue é atualmente a arbovirose mais significativa e de maior ocorrência no mundo, sendo endêmica em todos os continentes, com exceção da Europa. Aproximadamente 2,5 bilhões de pessoas encontram-se sob o risco de se infectarem, especialmente, em países tropicais nos quais as condições climáticas (temperatura e umidade) são propícias ao desenvolvimento do mosquito vetor (ARAÚJO et al., 2008).

De acordo com Halstead (2007) cerca de dois terços da população do planeta vivem em locais infestados com mosquitos vetores da dengue, especialmente, *Aedes aegypti*. Nessas áreas circulam um ou mais sorotipos do vírus.

Aedes aegypti é o vetor clássico do vírus da dengue, da *chikungunya* e da febre amarela urbana. Este é um mosquito de hábito diurno e doméstico, utilizando-se preferivelmente de depósitos de água limpa para deposição dos ovos, os quais têm uma alta capacidade de resistir à desidratação. Essa característica tem indicado elevada habilidade de adaptação a diferentes condições ambientais desfavoráveis (ZARA et al., 2016).

A transmissão da dengue ocorre essencialmente em áreas urbanas. Ambientes que possuem condições fundamentais para o seu desenvolvimento, principalmente os fatores ambientais e socioeconômicos, que constituem o alicerce que possibilita a implantação da sua hierarquia de transmissão. A expansão urbana tem acarretado o agrupamento de indivíduos suscetíveis à contaminação em regiões localizadas. Essa ocorrência está relacionada às condições precárias de saneamento básico, moradia inadequada e a fatores culturais e educacionais, que proporcionam condições ecológicas sujeitas à transmissão dos vírus da dengue pelo mosquito, que se adaptou satisfatoriamente nestes locais (FLAUZINO et al., 2011).

Segundo o Ministério da Saúde (2003/2019), considerando-se a classificação para os casos graves de dengue – dengue com complicação (DCC), febre hemorrágica da dengue (FHD) e síndrome do choque da dengue (SCD), foram confirmados 89.265 casos de dengue grave, sendo 68.968 (77,3%) DCC, e 20.299 (22,7%) casos de FHD e casos de SCD. A partir de 2014, o Brasil passou a utilizar a nova classificação de casos de dengue da Organização Mundial da Saúde (OMS), a

qual considera apenas dengue com sinal de alarme (DSA) e dengue grave (DG). Assim, entre janeiro de 2014 e abril de 2019, foram confirmados 4.420 casos de DG e 51.195 casos de DSA, totalizando 55.615 casos.

Os instrumentos que definem a ocorrência das formas graves destas infecções ainda não estão reconhecidos plenamente, e estudos populacionais e individuais devem ser direcionados para que se possa elucidar os pontos indefinidos. Neste tocante, é preciso conciliar esforços de epidemiologistas, virologistas e clínicos na perspectiva de trabalhos interdisciplinares capazes de colaborar para um maior conhecimento dos mecanismos envolvidos na circulação viral nas populações humanas, visando identificar os fatores que influenciam nesta dinâmica, e que modulam a transição entre o aparecimento da dengue clássica e febre hemorrágica (DYE, 2007).

Tendo em vista a gravidade e relevância deste problema, este trabalho teve como objetivo fazer uma pesquisa sobre a percepção da dengue entre jovens na faixa etária entre 15-16 anos em uma Escola da Rede Pública na cidade de Ituiutaba-MG sobre os modos de transmissão e possível controle nos processos de disseminação da doença, assim como apresentar e discutir os instrumentos e estratégias de controle disponíveis, apontando algumas reflexões para debate.

MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia utilizada para obtenção de dados para este trabalho constou com a aplicação de um questionário semiestruturado, elaborado com um roteiro para entrevista com 4 questões. Foram aplicados 30 questionários, aos alunos dos 1ºanos do Ensino Médio da Escola Estadual Coronel Tonico Franco, situado na Avenida Paranaíba, 375, Bairro Platina, na cidade de Ituiutaba – MG. A referida escola oferece Ensino Fundamental e Médio, contando atualmente com aproximadamente 1.200 alunos, funcionando em três turnos, manhã, tarde e noite.

A identidade dos/as alunos/as que participaram da pesquisa foi preservada. Para análise dos questionários foi utilizada metodologia de estatística simples usando gráficos do *Excel* para demonstração das respostas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos com a aplicação do questionário aos alunos serão discutidos nessa seção.

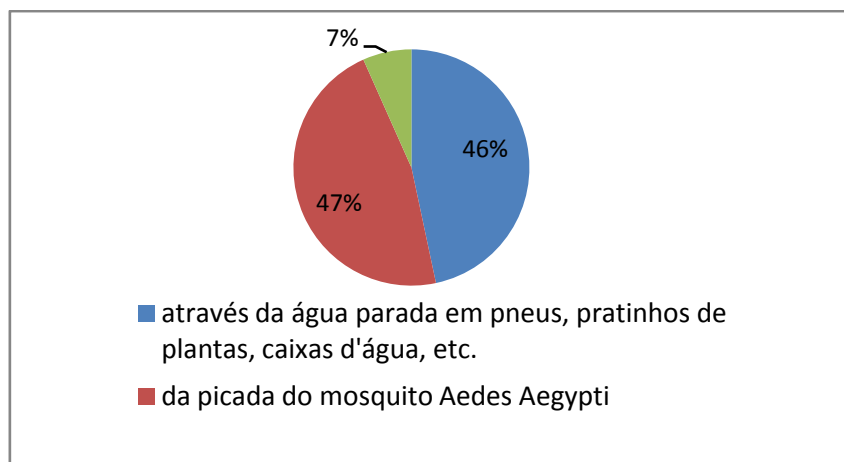


Figura 1- O gráfico representa as respostas dos alunos quando responderam a seguinte pergunta: Como você acha que se transmite o vírus da Dengue?

Fonte: As Autoras (2020).

A principal forma de transmissão da doença é através do seu vetor, a fêmea do mosquito *Aedes aegyptie* o ciclo de transmissão se dá através homem-mosquito-homem. Neste estudo 47% dos entrevistados relataram saber como ocorre a transmissão da doença. O conhecimento sobre a doença provavelmente esteve relacionado à série escolar dos participantes e também por se tratar de uma doença considerada endêmica na região dessa pesquisa. Estes dados corroboram com o descrito por Kanyangarara et al. (2018) que exploraram o grau de conhecimento de moradores de uma área endêmica da África sobre a malária e verificaram que 85% dos indivíduos foram capazes de associar o vetor à doença.

A dengue possui uma distribuição a nível mundial, sendo que no ano de 2016 foram mencionados grandes surtos de dengue. A Região das Américas registrou mais de 2,38 milhões de casos, onde o Brasil contribuiu com pouco menos de 1,5 milhão de casos, incidência aproximadamente três vezes maior que no ano de 2014. Além disso, foram relatados 1032 óbitos por dengue na região (BHATT et al., 2013).

Nesse sentido, tem-se a necessidade de espalhar do conhecimento sobre os meios de disseminação da doença. Além disso, o *Aedes aegypti* é o vetor responsável pela transmissão de outras doenças virais agudas tais como Zika e chikungunya (CULSHAW et al., 2016).

Conforme mencionado anteriormente, a dengue é uma doença endêmica no Brasil, onde circulam quatro sorotipos do vírus da dengue (DENV), acarretando grandes epidemias em áreas urbanas. Zika e chikungunya foram recentemente introduzidos nas Américas e se espalharam rapidamente no país (ZARA et al., 2016; BRASIL, 2017).

Os discentes foram questionados sobre relatos de casos de dengue próximos às suas residências (Figura 2).

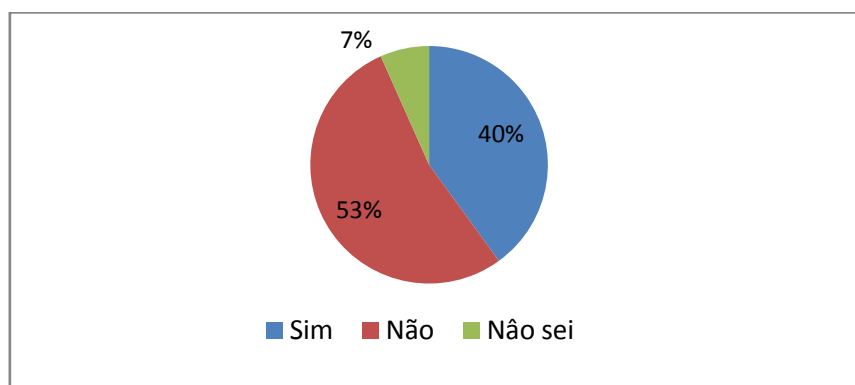


Figura 2- O gráfico indica as respostas quanto à pergunta: Houve algum caso de dengue perto do local onde você mora?
Fonte: As Autoras (2019).

Diagnosticar a dengue com rapidez é uma das chaves para combater a doença com maior eficácia. O primeiro passo para isso é conhecer como a infecção se manifesta. Se os sintomas da dengue forem reconhecidos, é fundamental procurar um médico o mais rápido possível. Em geral, a doença tem evolução rápida. Por isso, saber antes pode fazer a diferença entre a ocorrência de um mal menor e consequências mais graves, principalmente no caso de crianças (G1, 2015). Muitas vezes a pessoa tem a doença e não é diagnosticada, por não procurar um serviço de saúde.

O diagnóstico da dengue ocorre principalmente durante a avaliação clínica e laboratorial. Durante a anamnese o objetivo é pesquisar se o indivíduo apresentou febre, alterações gastrointestinais, do estado de consciência e presença de

sangramentos. O Ministério da Saúde publicou em 2016 um documento denominado “Dengue diagnóstico e manejo clínico adulto e criança” elaborado com a finalidade de tornar pública a conduta para diagnóstico e tratamento de indivíduos acometidos com a doença no nosso país (BRASIL, 2016).

A dengue pode apresentar-se de maneiras distintas sendo classificadas de acordo com as suas manifestações clínicas em dengue, dengue com sinais de alerta e dengue grave. O caso suspeito de dengue é aquele no qual a pessoa que habite ou tenha viajado nos últimos 14 dias para área onde esteja ocorrendo transmissão de dengue ou tenha a presença de *Aedes aegypti*, que apresenta febre, usualmente entre dois e sete dias, e apresente duas ou mais das seguintes manifestações: náusea, vômitos, exantema, mialgias, artralgia, cefaleia, dorretro-orbitária, petéquias ou prova do laço positiva e/ou leucopenia. Além disto, também pode ser considerado caso suspeito toda criança proveniente ou residente em área com transmissão de dengue, com quadro febril agudo, usualmente entre dois a sete dias, e sem foco de infecção aparente (BRASIL, 2016).

O conhecimento acerca da gravidade da doença (Figura 3) e de sua transmissão e/ou eliminação (Figura 4) demonstrado entre os participantes do estudo foram elevados, evidenciaram bom conhecimento da doença o que provavelmente está associado aos programas de prevenção e combate ao vetor. Porém, ainda há adolescentes que não conhecem o assunto, trazendo à tona a importância deste tema nas campanhas de promoção de saúde, que devem ser cada vez mais intensas, a fim de conscientizar os jovens e continuar incentivando a prevenção contra dengue.

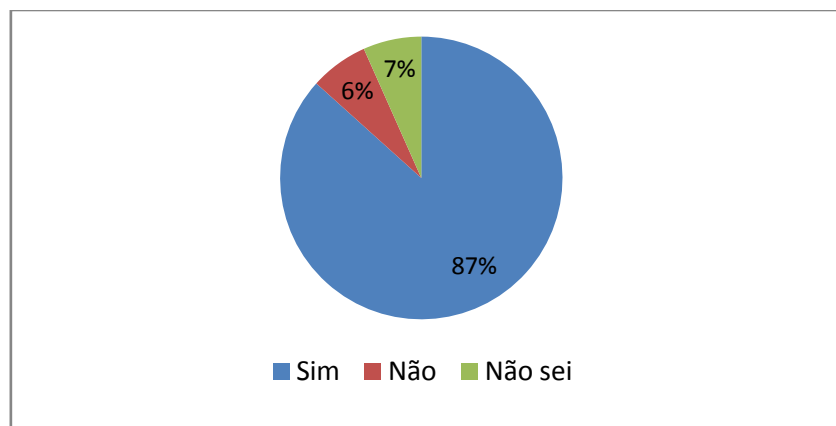


Figura 3- O gráfico demonstra as respostas da pergunta: Você acha que a dengue pode levar uma pessoa à morte?
Fonte: As Autoras (2020).

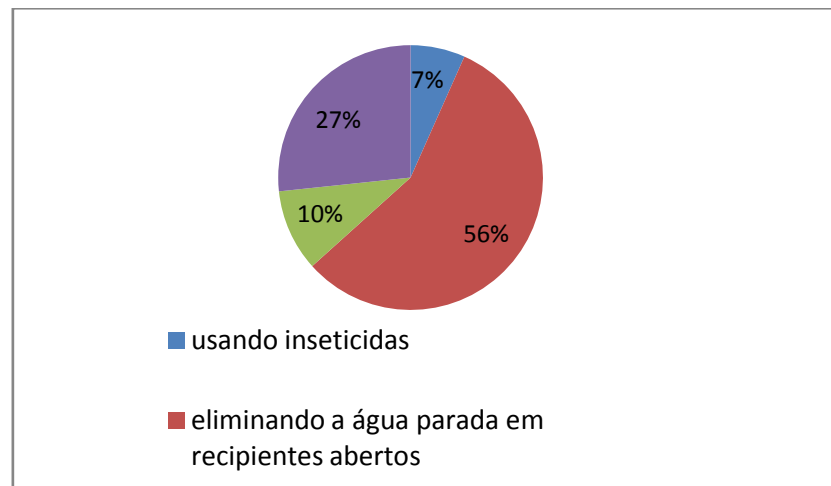


Figura 4- Representação das respostas quando questionados com a seguinte pergunta: Como você eliminaria os focos de dengue?
Fonte: As Autoras (2020).

Lefèvre et al. (2004) constataram que há entendimento pela população do mecanismo básico de transmissão e de que a responsabilidade no combate à doença é compartilhada entre estado e sociedade. Contudo, mesmo que haja conhecimento sobre o vetor e as formas de controle, não há mudanças de comportamento reais para fazê-lo (CLARO et al., 2004). Nesse sentido, tornam-se importantes as ações em educação ambiental e em saúde (ecossaúde), associadas a outros métodos (TEIXEIRA, 2008), no combate às doenças (CANÇADO et al., 2014; PEIXOTO et al., 2015), para trazer de fato não só a informação, mas também a mudança de atitudes e a transformação do meio social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos resultados obtidos, torna-se claro que a maioria dos jovens tem boa noção sobre os modos de transmissão e prevenção da dengue. Entretanto, ainda existem adolescentes que não conhecem o assunto, trazendo à tona a importância deste tema nas campanhas de promoção de saúde, que devem ser cada vez mais intensas, a fim de conscientizar a sociedade que cuidar do meio

ambiente é uma forma de conter a reprodução do mosquito *Aedes aegypti*, transmissor da dengue, Zika vírus e chikungunya, doenças que constituem graves problemas de saúde pública.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, J.R.; FERREIRA, E.F.; ABREU, M.H.N.G. Revisão sistemática sobre estudos de espacialização da dengue no Brasil. **Revista Brasileira Epidemiologia**, v. 11, n.4, p. 696-708, 2008.

BHATT, S.; GETHING, P.W.; BRADY, O.J.; MESSINA, J.P.; FARLOW, A.W.; MOYSES, C.L. The global distribution and burden of dengue. **Nature**, v. 496, n. 7446, p. 504-507, 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância das Doenças Transmissíveis. **Dengue: diagnóstico e manejo clínico: adulto e criança**. 5.ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância das Doenças Transmissíveis. **Monitoramento dos casos de dengue, febre de chikungunya e febre pelo vírus Zika**. 1. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2017.

CANÇADO, M. S. M. et al. Percepções de representantes de um comitê contra dengue nas ações de educação em saúde, Goiás, Brasil. **Rev. Esc. Enferm. USP**, v. 48, edição especial n. 2, p. 99-104, 2014.

CLARO, L. B. L.; TOMASSINI, H. C. B.; ROSA, M. L. G. Prevenção e controle do dengue: uma revisão de estudos sobre conhecimentos, crenças e práticas da população. **Cad.Saúde Pública**, v. 20, n. 6, p.1447-1449, 2004.

CULSHAW A.; MONGKOLSAPAYA J.;SCREATON G.R. The immunopathology of dengue and Zika virus infections.**Curr Opin Immunol**, v. 48, p.1-6, 2017.

DYE C. The analysis of parasite transmission by bloodsucking insects. **Annual Review Entomology**, v. 37, p. 1-19, 2007.

G1, 2015. **Saiba Reconhecer os Principais Sintomas de Dengue**. Disponível em: <http://g1.globo.com/bemestar/dengue/noticia/2015/03/reconheca-sintomas-dengue.html>. Acesso em: 30 nov.2020.

FLAUZINO, R. F.; SOUZA-SANTOS, R.; OLIVEIRA, R. M. Indicadores Socioambientais para Vigilância da Dengue em Nível Local. **Saúde e Sociedade**. São Paulo, v.20, n.1, p.225-240, 2011.

HALSTEAD, S. B. Dengue in the Americas and Southeast Asia: do they differ? **Revista Panamericana Salud Pública**, v.20, n.6, p.407-15, 2007.

KANYANGARARA M.; HAMAPUMBU H.;MAMINI E.;LUIPIYA J.; STEVENSON J.C.;MHARAKURWA S. Malaria knowledge and bed net use in three transmission settings in southern Africa. **Malar J**, v. 17, n.1, p. 900-904, 2018.

LEFÈVRE, F. et al. Representações sociais sobre relações entre vasos de plantas e o vetor da dengue. **Rev. Saúde Pública**, v. 38, n. 3, p.405-414,2004.

Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Vigilância em Saúde no Brasil 2003|2019.**Boletim Epidemiológico**. Disponível em: <http://www.saude.gov.br/boletins-epidemiologicos>.

PEIXOTO, A. C. R. Participação, integração e sustentabilidade no controle da dengue: um olhar da ecoss saúde. **Interface**, v. 19, n. 52, p. 203-204, 2015.

TEIXEIRA, M. G. Dengue control: therelevanceof transdisciplinary interaction. **Interface**, v. 4, edição especial, p. 178-182,2008.

ZARA A. SANTOS S.M.; FERNANDES-OLIVEIRA, E.S.; CARVALHO, R.G.; COELHO, G.E. Estratégias de controle do *Aedes aegypti*: uma revisão. **Epidemiol. Serv Saúde**, v. 25, n.2, p. 391-404, 2016.

AUTORES:

Lorraine Caroline Silva Costa, *Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG/Unidade Ituiutaba. E-mail: lorrainecosta2909@gmail.com*

Eleusa Maria Ferreira Rocha, *Graduada em Ciências Biológicas pela Fundação Educacional de Ituiutaba, Doutora em Genética Molecular de Microrganismos pela Universidade de São – USP, Professora dos Cursos de Agronomia, Ciências Biológicas, Tecnologia e Tecnologia em Produção Sucoalcooleira da Universidade do Estado de Minas Gerais–UEMG/Unidade Ituiutaba. E-mail: rocha.eleusa@uemg.com*

Rosa Betânia Rodrigues de Castro, *Graduada em Ciências Biológicas pela Fundação Educacional de Ituiutaba, Doutoranda em Microbiologia Agropecuária pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, Professora dos Cursos de Tecnologia em Agronegócio, Tecnologia em Gestão Ambiental e Tecnologias em Produção Sucoalcooleira da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG/Unidade Ituiutaba. E-mail: rosa.castro@uemg.com*